

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# Revendo o método de Paulo Freire, 14 anos depois.

Os dias de hoje assistem a muitas atitudes divergentes, quando se vai examinar as campanhas de alfabetização de adultos empreendidas por Paulo Freire, no Brasil. Isto, sem contar os que já o têm como assunto plenamente absorvido, como se diz na atualidade, de que com certeza o futuro irá muito se orgulhar.

Portanto, passando ao largo destes que colocam o problema em torno da sua digestão ou não, é preciso destacar os mais tolerantes e menos gástricos. Há aqueles para quem a experiência de alfabetização de adultos no Brasil, a partir da orientação de Paulo Freire, é coisa de passado, haja vista os prodigiosos resultados da atual campanha, orientada de acordo com eficientíssimos recursos da pedagogia e da administração. É claro, para tão clarividantes pensadores, os horizontes estão cada vez mais amplos.

Mas eles possuem seus reversos. São os adeptos do passado no presente, saudosos daqueles tempos de glória, tão duramente sepultados, sem resistências nem presságios dos tidos por mais lúcidos. Depois de 1964, Paulo Freire construiu sua obra mais conhecida, reformulou-a e somou outras tantas vicissitudes.

Alguns de seus discípulos foram em peregrinação até ele; outros acompanhavam avidamente seus trabalhos e suas novas experiências. Mas é bom lembrar sempre o fato de que a Guliné-Bissu, sobre a qual realiza suas últimas reflexões, tem poucos semelhanças com o país, onde até o MDB participa de eleições indiretas.

O que tem Paulo Freire com isso? Nada. Sua contribuição é expressiva. E até mais do que isto: numa época de pedagogia enlatada, importada sem crítica, aplicada tanto para interpretar o século passado como o século vindouro, independentemente das peculiaridades sociais, as formulações de Paulo Freire constituem uma profunda inovação. Representam, especialmente sobre o Brasil, uma corajosa retomada da realidade que, por sinal, não é somente a realidade exuberante da Avenida Paulista.

A dimensão histórica da experiência brasileira de alfabetização de adultos, com o método Paulo Freire, aparece satisfatoriamente no livro de Silvia Maria Manfredi, *Política, Educação Popular*, editado há pouco. Atendendo para a evolução sócio-política brasileira e, principalmente, para o processo de desenvolvimento industrial a partir do século passado, a obra mostra que os governos populistas, de modo especial o de João Goulart, procuraram manter a legitimidade de seu poder por meio da aplicação de bases sociais, estimulando a participação política. A esta participação política, responsável pela participação das populações rurais e urbanas, juntaram-se vários movimentos sociais de caráter

Política, Educação Popular, de Silvia Maria Manfredi.  
Editora Símbolo, 1978.  
168 páginas.  
Cr\$ 75,00.

IVALDO AMARO VIEIRA

estudantil e sindical. As vezes preocupados com a educação de adultos. A seletividade do sistema educacional brasileiro fornecia condições para a mobilização dos analfabetos, ocorrida através das campanhas pela "educação popular".

Em 1961, nasce o Movimento de Educação de Base (MEB), seguindo-se depois várias outras tentativas, como a "Campanha de Alfabetização de Adultos" em 1962 e o "I Seminário Universitário Nacional de Alfabetização" em 1963. Destacaram-se na época o Movimento de Cultura Popular, criado em 1960 e sustentado pela Prefeitura do Recife, assim como os Centros Populares de Cultura, de 1961.

A obra de Silvia Maria Manfredi volta-se fundamentalmente para o exame do chamado "Sistema Paulo Freire de Educação" e de

suas diversas utilizações em experiências educacionais. Tais experiências foram realizadas em vários pontos do País, como Angicos, no Rio Grande do Norte, Bairro de Quintas, em Natal, no mesmo Estado, Vila Helena Maria, em São Paulo, e Brasília. A generalização do uso do método criado por Paulo Freire se deu com a instituição do Programa Nacional de Alfabetização em janeiro de 1964. Portanto, os cursos deste Programa existiram por pouco tempo, desaparecendo em 14 de abril de 1964, com o advento do novo regime.

O significado dessas tentativas alfabetizadoras, de acordo com as proposições de Paulo Freire, no período de 1960 a 1963, não fugia de uma visão nacionalista perfeitamente integrada no desenvolvimento capitalista no Brasil. Os limites dessas campanhas restringiam-se a um esforço em defesa de reformas, cujo objetivo capital foi a busca de maior democratização política e social. As possíveis radicalizações ideológicas, relacionadas com a aplicação do método de alfabetização, somente se justificam quando entendidas no âmbito da luta política da ocasião.

Ao deter-se na análise dos traços ideológicos da proposta de Paulo Freire, o livro nota

que, de início, ele se prendia a uma concepção modernizadora (transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna), tomando uma posição nacional-desenvolvimentista. Sua "sociedade aberta" teria "elite" e "massa". Depois ao avançar na elaboração de suas concepções, Paulo Freire mantém o mesmo caráter geral e abstrato, ainda quando afirma a oposição opressor oprimido, pois não determina nada em termos de estratos sociais.

Com esses subsídios oferecidos por Silvia Maria Manfredi, é preciso pensar os problemas do analfabetismo e até, mesmo da propalada despolitização da sociedade. Distante de qualquer aspiração política mais radical, na época de sua utilização, o método Paulo Freire de alfabetização sucumbiu diante da instabilidade institucional. Tal fato esclarece as dificuldades de uma educação popular comprometida com a realidade, onde a luta política tudo pode confundir e destruir. Além disso, ilumina bem o no da questão em torno da despolitização: nada de educação com politização e, em seguida, brada-se contra o despreparo popular.

1-7-78

# Revendo o método de Paulo Freire, 14 anos depois.

Os dias de hoje assistem a muitas atitudes divergentes, quando se vai examinar as campanhas de alfabetização de adultos empreendidas por Paulo Freire, no Brasil. Isto, sem contar os que já o têm como assunto plenamente absorvido, como se diz na atualidade, de que com certeza o futuro irá muito se orgulhar.

Portanto, passando ao largo destes que colocam o problema em torno da sua digestão ou não, é preciso destacar os mais tolerantes e menos gástricos. Há aqueles para quem a experiência de alfabetização de adultos no Brasil, a partir da orientação de Paulo Freire, é a escola de passadista, haja vista os prodigiosos resultados da atual campanha, orientada de acordo com eficientíssimos recursos da pedagogia e da administração. É claro, para tão clarividantes pensadores, os horizontes estão cada vez mais amplos.

Mas eles possuem seus reversos. São os adeptos do passado no presente, saudosos daqueles tempos de glória, tão duramente sepultados, sem resistências nem presságios dos tidos por mais lúcidos. Depois de 1964, Paulo Freire construiu sua obra mais conhecida, reformulou-a e somou outras tantas vicissitudes.

Alguns de seus discípulos foram em peregrinação até ele; outros acompanhavam avidamente seus trabalhos e suas novas experiências. Mas é bom lembrar sempre o fato de que a Culinária-Bissau, sobre a qual realiza suas últimas reflexões, tem poucas semelhanças com o país, onde até o MDB participa de eleições indiretas.

O que tem Paulo Freire com isso? Nada. Sua contribuição é expressiva. E até mais do que isto: numa época de pedagogia enlatada, importada sem crítica, aplicada tanto para interpretar o século passado como o século vindouro, independentemente das peculiaridades sociais, as formulações de Paulo Freire constituem uma profunda inovação. Representam, especialmente sobre o Brasil, uma corajosa retomada da realidade que, por sinal, não é somente a realidade exuberante da Avenida Paulista.

A dimensão histórica da experiência brasileira de alfabetização de adultos, com o método Paulo Freire, aparece satisfatoriamente no livro de Silvia Maria Manfredi, *Política: Educação Popular*, editado há pouco. Atendendo para a evolução sócio-política brasileira e, principalmente, para o processo de desenvolvimento industrial a partir do século passado, a obra mostra que os governos populistas, de modo especial o de João Goulart, procuraram manter a legitimidade de seu poder por meio da aplicação de bases sociais, estimulando a participação política. A esta participação política, responsável pela participação das populações rurais e urbanas, juntaram-se vários movimentos sociais de caráter

Política, Educação Popular, de Silvia Maria Manfredi.  
Editora Símbolo, 1978.  
168 páginas.  
Cr\$ 75,00.

IVALDO AMARO VIEIRA

estudantil e sindical. As vezes preocupados com a educação de adultos. A seletividade do sistema educacional brasileiro fornece condições para a mobilização dos analfabetos, ocorrida através das campanhas pela "educação popular".

Em 1961, nasce o Movimento da Educação de Base (MEB), seguindo-se depois várias outras tentativas, como a "Campanha de Alfabetização de Adultos" em 1962 e o "I Seminário Universitário Nacional de Alfabetização" em 1963. Destacaram-se na época o Movimento de Cultura Popular, criado em 1960 e sustentado pela Prefeitura do Recife, assim como os Centros Populares de Cultura, de 1961.

A obra de Silvia Maria Manfredi volta-se fundamentalmente para o exame do chamado "Sistema Paulo Freire de Educação" e de

suas diversas utilizações em experiências educacionais. Tais experiências foram realizadas em vários pontos do País, como Angicos, no Rio Grande do Norte, Bairro de Quintas, em Natal, no mesmo Estado, Vila Helena Maria, em São Paulo, e Brasília. A generalização do uso do método criado por Paulo Freire se deu com a instituição do Programa Nacional de Alfabetização em janeiro de 1964. Portanto, os cursos deste Programa existiram por pouco tempo, desaparecendo em 14 de abril de 1964, com o advento do novo regime.

O significado dessas tentativas alfabetizadoras, de acordo com as proposições de Paulo Freire, no período de 1960 a 1963, não fogia de uma visão nacionalista perfeitamente integrada no desenvolvimento capitalista no Brasil. Os limites dessas campanhas restringiam-se a um esforço em defesa de maior democratização política e social. As possíveis radicalizações ideológicas, relacionadas com a aplicação do método de alfabetização, somente se justificam quando entendidas no âmbito da luta política da ocasião.

Ao deter-se na análise dos traços ideológicos da proposta de Paulo Freire, o livro nota

que, de início, ele se prendia a uma concepção modernizadora (transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna), tomando uma posição nacional-desenvolvimentista. Sua "sociedade aberta" teria "elite" e "massa". Depois ao avançar na elaboração de suas concepções, Paulo Freire mantém o mesmo caráter geral e abstrato, ainda quando afirma a oposição opressor oprimido, pois não determina nada em termos de estratos sociais.

Com esses subsídios oferecidos por Silvia Maria Manfredi, é preciso pensar os problemas do analfabetismo e até, mesmo da propalada despolitização da sociedade. Distantes de qualquer aspiração política mais radical, na época de sua utilização, o método Paulo Freire de alfabetização sucumbiu diante da instabilidade institucional. Tal fato esclarece as dificuldades de uma educação popular comprometida com a realidade, onde a luta política tudo pode confundir e destruir. Além disto, ilumina bem o nó da questão em torno da despolitização: nada de educação com politização e, em seguida, brada-se contra o despreparo popular.

1-7-78